



## ACOLHER, RENOVAR E SERVIR COMO RESPOSTA AOS DESAFIOS DA PASTORAL URBANA

(Welcoming, renewing and serving as an answer to the challenges of urban pastoral)

**Victor Silva Almeida Filho**

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

### RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar um panorama geral acerca da realidade pastoral da região metropolitana de Campinas. Como todos os grandes centros urbanos, Campinas exhibe uma condição bastante complexa, repleta de contradições, belezas e desafios. Jesus, como homem histórico, sensível e inserido nas realidades de seu tempo, respondeu também às situações de sua época e nos dá pistas para respondermos de modo satisfatório aos fiéis de nosso tempo. Neste artigo, para a atividade eclesial diante de tais realidades metropolitanas, são enumeradas sugestões, assumidas em nosso sétimo Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese, no que diz respeito às atuações de pastorais, movimentos e outros organismos. Dessa forma, visamos, na práxis de Jesus de Nazaré, tornar os pobres protagonistas de suas vidas no exercício da evangelização, na realidade pastoral em que vivemos.

**Palavras-chave:** Desafios; Pastoral; Centros Urbanos; Plano Pastoral; Evangelização.

### ABSTRACT

This article aims to show a pastoral reality view of the metropolitan area of Campinas. Like all big cities and metropolitan areas, Campinas presents a hard reality to be understood, full of contradictions, beauties and challenges. Jesus, as a historical man, sensitive and inserted in the realities of his time, answered to the needs of situations of that epoch. According to that, based on the Holy Scriptures and the Church documents, Jesus is the paradigm to fully answer the believers in our time. In this article, for the ecclesial activity before those metropolitan realities, pastoral suggestions are ranked to enable and help the seventh Pastoral Organical Plan of our Archdiocese. The intended pastoral work wants to focus on the poor people, allowing them to become the protagonists of the evangelization tasks, facing and changing the reality we live in our city.

**Keywords:** Challenges; Pastoral; Urban centers; Pastoral Plan; Evangelization.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade refletir acerca da realidade pastoral da cidade de Campinas. Apresentaremos, inicialmente, alguns aspectos de sua condição, bastante complexa, repleta de contradições, belezas e desafios. Naturalmente, nem todos os aspectos dessa realidade serão objeto de nossa descrição, porém tão somente os que têm um significado para nossa reflexão pastoral. Aplicaremos o método do *Ver, Julgar e Agir*, como caminho metodológico. No seguimento de Jesus, o Bom Pastor, sensível e inserido na realidade de seu tempo, que respondeu às situações de sua época de forma humana e amorosa, desejamos também ir ao encontro do ser humano ou do cidadão de Campinas, levando mais vida e



esperança, conteúdos essenciais à prática pastoral. Assim sendo, baseados nas Sagradas Escrituras e nos documentos da Igreja, tendo Jesus como paradigma maior da ação pastoral, temos a confiança de responder de modo evangélico aos desafios de nosso tempo.

Neste artigo são apresentadas propostas pastorais para as realidades metropolitanas de Campinas. Também são enumeradas sugestões concretas para pastorais e movimentos, assumidas em nosso *sétimo Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese*. Evangelizar a realidade urbana exige o esforço de todos os cidadãos, principalmente daqueles que se acham envolvidos com a vida da Igreja. Um dos aspectos mais sensíveis ao 7º Plano de Pastoral é o tratamento que ele dá aos excluídos, especialmente os mais pobres.

Seguindo a tradição pastoral de Campinas, desejamos continuar a ser presença acolhedora de Cristo no coração da cidade, com todos os desafios inerentes a esta missão, tendo sempre como parâmetro a pessoa de Jesus de Nazaré, que não se fechou numa vivência intimista, e fez de sua vida uma intensa acolhida dos homens e mulheres de seu tempo. Nesse sentido, a pastoral orgânica da Arquidiocese de Campinas, por meio de seu 7º Plano de Pastoral Orgânica (7º PPO), traz três atitudes essenciais (*Renovar, Acolher e Servir*) para a evangelização da cidade. Renovar passa também, como nos diz o Papa Francisco, pela renovação das estruturas da Igreja<sup>1</sup>, renovar nossas mentalidades. Nossa participação não pode mais se restringir às celebrações e precisa ser testemunho cristão na sociedade. Nessa perspectiva, renovar passa a ter um sentido de preservação. É necessário renovar para nos mantermos fiéis às nossas raízes cristãs, fiéis a Jesus Cristo. É preciso uma resposta cristã aos desafios que a contemporaneidade nos coloca à frente, de modo particular a violência, o aquecimento global, as questões relativas à família (que está diante de nossos olhos, mas que muitas vezes fingimos que não vemos), a educação (que não faz parte da agenda estratégica dos governos) e os excluídos.

Desde seu início, um dos marcos referenciais da Igreja foi o serviço, de modo todo especial, com os que mais necessitavam. Isso deu corpo e alavancou o crescimento da Igreja, que logo ouvia o chamado de seu Mestre para que se tornasse missionária. Como no passado, também hoje o que mais atrai as pessoas, especialmente os jovens, não são os grandes discursos ou as inflamadas preleções, mas o testemunho feito dia a dia no serviço. O testemunho arrasta; as palavras, por vezes, podem ser apenas o sopro da voz (*flatus vocis*).

Bem por isso, Acolhida, Renovação e Serviço são as três grandes linhas de atuação de nosso novo Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas, o 7º PPO. São os três grandes alicerces para continuarmos, no diálogo de testemunho com a cidade, a ser Igreja de Jesus, Igreja que se renova na história para se manter fiel ao seu fundador.

## 1. VER – REALIDADE SOCIAL

### 1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

---

<sup>1</sup> Papa Francisco, no número 33 da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (EG), nos diz: “A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: «fez-se sempre assim». Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades”



Fundada em 1774, Campinas teve o café e a cana-de-açúcar como importantes produtos na sua atividade econômica até o início do século XX; porém, a indústria e o comércio são as principais fontes de renda, sendo considerada um polo industrial regional. Como a décima cidade mais rica do país, é responsável pela produção científica de 15% do que se produz nacionalmente.

Até a primeira metade do século XVIII, Campinas não passava de uma ampla área constituída por largas faixas de campos naturais, as quais eram designadas simplesmente por campinas, com áreas de mata atlântica fechadas ao redor, em especial nas regiões montanhosas. Naquela época, surgiu um bairro rural na Vila de Jundiá (atual Jundiá) chamado “Mato Grosso”, próximo a uma trilha feita por Bandeirantes do “Planalto de Piratininga” (a região da atual cidade de São Paulo) entre 1721 e 1730. Era a “Trilha dos Goiaes”, no atual Estado de Goiás. Assim o bandeirante Fernão de Camargo promoveu, a noroeste, como parada de descanso aos bandeirantes, um ponto de parada de tropeiros, chamado “Campinas do Mato Grosso.” Por ter sido num desses campos naturais cercados por mata cerrada, usualmente feita por bandeirantes, que permitiam ou facilitavam o reabastecimento de suas empreitadas desbravadoras e, com isso, ao longo do tempo impulsionou o comércio e atraiu moradores para o local.<sup>2</sup>

Por volta de 1772, os moradores daquela região reivindicam a construção de uma capela, pois a igreja mais próxima situava-se em Jundiá. A permissão foi concedida um ano mais tarde. No dia 22 de setembro de 1773 ficou decidido o local que seria destinado à construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, cujo nome foi recebido em homenagem à padroeira, escolhido em votação. As dificuldades das obras daquele tempo fizeram com que fosse construída uma capela provisória, em 1774. Em 27 de maio desse mesmo ano foi assinado um ato que dava a Francisco Barreto Leme do Prado o título de “fundador, administrador e diretor” do “plano urbanístico” do sítio ali formado, tendo como nome Campinas. Poucas semanas depois, em 14 de julho de 1774, Frei Antônio de Pádua, primeiro vigário da paróquia, rezou a primeira missa, inaugurando a capela provisória coberta de palha e feita às pressas. A partir daí, instalou-se definitivamente a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso e fundou-se a povoação.

## 1.2 REALIDADE HODIERNA: ESTATÍSTICAS SOCIAIS

Campinas é uma metrópole situada na região sudeste do país, no interior do estado de São Paulo. Pertence à microrregião e mesorregião homônimas, distante 99 quilômetros de São Paulo, capital estadual. Possui uma população de 1.154.617 habitantes<sup>3</sup>. A Região Metropolitana de Campinas possui 20 cidades: Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Morungaba, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara d’Oeste, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos, Vinhedo.

Seu índice de desenvolvimento humano (IDH) é considerado alto: 0,805. O Produto Interno Bruto (PIB) de Campinas é maior que de muitas capitais nacionais: 33.939,56 – 11º do país,

<sup>2</sup> In: <http://www.campinas.sp.gov.br/conheca-campinas/campinas.php>. Acesso: 20/11/2014

<sup>3</sup> Dados fornecidos segundo o IBGE, situados do site oficial da cidade: [www.campinas.sp.gov.br/.../censo-2010](http://www.campinas.sp.gov.br/.../censo-2010). Acesso em: 20/11/2014



*per capita*<sup>4</sup>. É o terceiro município mais populoso do estado, ficando atrás de Guarulhos e da capital, e o décimo quarto entre 100 municípios analisados. É a décima cidade mais rica do país. Atualmente é formada por 6 distritos e se subdivide em 14 regiões administrativas.

O índice de pobreza na cidade de Campinas é 9,83%. Se buscarmos os dados na cidade de São Paulo, essa taxa está situada em 28,09%. Se compararmos com a cidade de Guarulhos, que possui praticamente a mesma população, este índice de pobreza na cidade de Campinas é bastante reduzido, pois Guarulhos apresenta o índice de pobreza na faixa de 43, 21%<sup>5</sup>.

Com uma população de quase 1.100.000 habitantes, Campinas apresenta 303 pré-escolas. A média no estado é de 120 escolas desse tipo para cada cidade. São 292 escolas de ensino fundamental, com uma média estatal de 150 escolas. Quanto às escolas de nível médio, a cidade tem, ao todo, 154 para uma média no estado de 63.<sup>6</sup>

### 1.3 UM OLHAR PARA A CIDADE

Uma das características mais fortes da pós-modernidade é a decepção e o descrédito das instituições. O dinheiro está presente na maioria dessas decepções. São situações de corrupção que envolvem faculdades, igrejas, órgãos públicos e hospitais. Vivemos numa época em que o mercado invadiu as grandes instituições.<sup>7</sup>

O mundo simbólico, das interpretações, tem crescido bastante, como o campo das interpretações das Sagradas Escrituras. Há uma infinidade de interpretações que justificam a manipulação das pessoas. Não existe, por exemplo, uma plausibilidade das religiões, havendo um nivelamento de todas elas. Os privilégios que existiam no passado, hoje não existem mais. Religião é um assunto privado. Os conteúdos religiosos passaram a ser subjetivados. “Se me interessa e me agrada, eu os absorvo em minha vida. Se não, eu os desprezo”. Cada pessoa escolhe os componentes de sua fé, que às vezes se tornam até contraditórios. A pobreza, em todos os níveis sociais, favorece, no desespero, a busca por milagres em que se oferece uma possibilidade de bênção. A pessoa busca e acolhe o que lhe aparece. Num mundo marcado pela ciência, há uma busca das pessoas por uma espiritualidade, muitas vezes mágica, para resolver todos os problemas, sejam eles financeiros, de saúde e de pessoas. Na sociedade pluralista, aparecem novas formas de se acreditar.

Temos um retorno ao sagrado. Provavelmente o homem está insatisfeito, apesar de ter quase tudo no campo material. Busca na espiritualidade as respostas às aspirações mais profundas. Há uma falta de sentido à vida, buscando-se nas experiências espirituais ou espiritualistas respostas que, muitas vezes, não se encontram no materialismo/consumismo. As pessoas buscam uma experiência com o sobrenatural por meio de retiros, momentos de oração, caminhadas, excursões religiosas, etc. As igrejas de cunho pentecostal detectaram um espaço descoberto pela Igreja Católica, em que poderiam oferecer uma dependência do sagrado.

<sup>4</sup> Dados fornecidos segundo o site do NEPO – Núcleo de Estudos de População: [www.unicamp.br/nepo](http://www.unicamp.br/nepo). Acesso em: 20/11/2014

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php>. Acesso em: 23/11/2014

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 23/11/2014

<sup>7</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, cit., doc. 71, n.45



Oferece-se uma purificação e se coloca nas contas do demônio doenças, isso tudo alocado no espaço do sagrado.

Nesse campo, necessita-se de uma consciência ética muito apurada. Do contrário, manipula-se as pessoas. Há duas ou três décadas a Igreja se preocupava com o social. E aconteceu uma despreocupação com o espiritual. Hoje, com o equilíbrio social, as pessoas perceberam a necessidade de preenchimento dessa lacuna. Tem-se tudo, mas a pessoa ainda é infeliz. Muitas vezes nesse vazio espiritual acontece de muitos terem a pior das doenças de nosso tempo: a depressão, que conduz muitos ao suicídio. A tendência hoje é de não se ter Deus, ou se ter uma imagem de Deus mal formada, deformada.

Ainda sobressai aos nossos olhos que nosso tempo apresenta um apelo, às vezes exagerado, à cultura do corpo, ao prazer e à sexualidade, entendidas aqui como genitalidade. Hoje temos um crescente número de academias, revelando o culto à imagem, à cultura do “sarado”. Há uma divinização do corpo. Regimes e produtos para emagrecimento são oferecidos visando à imagem. Tem-se a imposição de um padrão estético, em que indústrias farmacêuticas são as que mais se beneficiam. Se por um lado o corpo foi muito desprezado na Idade Média, visto como lugar do pecado e do demônio, por outro lado, hoje, é lugar e instrumento de comunicação com o outro. Vinculam-se produtos à questão de sexualidade. Adquirindo esse ou aquele produto, a pessoa passa a ter outro estatuto de reconhecimento social. Ou, ainda, adquirindo esse ou aquele produto a pessoa será mais atraída ou cobiçada pelas demais.

Isso talvez seja reflexo do que fizeram no passado. O prazer foi por muito tempo termômetro para o pecado. O prazer deve ser colocado no seu devido lugar. Todo homem deveria sentir prazer no trabalho, no carinho, em adquirir coisas, em fazer e em ser. O Evangelho vem recuperar a pessoa na sua totalidade. No passado, o corpo era visto como lugar do pecado, mas biblicamente Jesus assume todos os códigos possíveis para se comunicar com o ser humano. Assume um corpo, deixa-se ser tocado, dá seu toque; dança, caminha, chora, sua. Encarna-se assumindo um corpo humano na sua totalidade.<sup>8</sup>

A volta do ser humano sobre ele mesmo, promovida em nossa contemporaneidade, apresenta uma sociedade volvida ao egoísmo. Temos hoje uma sociedade desumanizada. Se por um lado o homem da modernidade é chamado à autonomia e independência em relação às instituições, por outro lado pode cair num fechamento em si, num ostracismo e autossuficiência em que basta a ele mesmo, prescindindo de uma vida fraterna em sociedade. Não podemos nos conformar com a sociedade do modo como está. Tudo isso interfere na ação pastoral da Igreja, que precisa trabalhar para uma maior inclusão, para o altruísmo e para inserção dos valores evangélicos.

Podemos assim dizer que a Modernidade trouxe uma mudança nas relações humanas: familiar, social, pessoal e religiosa. Temos o protagonismo da mulher contemporânea. Existem hoje novas formas de ser família que nem sempre seguem o padrão tradicional centrado no patriarcalismo. Família se modela muito mais como “lugar” de encontro em que há capacidade de suportar, compreender, dialogar e assumir o outro em suas limitações. Ou seja, um casal gay, uma avó com seu neto, um tio com sua sobrinha, a mãe com seu filho ou um pai com suas filhas que vivam esses valores da compreensão, diálogo, suporte são considerados família.

<sup>8</sup> CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, cit., doc. 71, n.47.



Dentro de casa, os tempos da chamada “pós-modernidade” trazem uma realidade incômoda e desafiadora: nossas famílias não se encontram mais em casa. Cada um trabalha e estuda em um horário diferente; na prática, são vários mundos que, por coincidência, habitam a mesma morada; o computador e a TV superam a relação entre as pessoas que dividem o mesmo teto. O resultado: falta de diálogo e a chamada desagregação familiar.

A configuração da família também mudou. Hoje, os casais em segunda união e as casas que se organizam sem a figura do pai ou da mãe são cada vez mais frequentes. Nesse cenário tão plural, as novas manifestações nos campos da cultura e da religiosidade vão ganhando espaço. Temos várias expressões culturais e espirituais dentro da mesma casa e, muitas vezes, dentro da mesma pessoa.<sup>9</sup>

Hoje se faz necessário pensar uma nova metodologia pastoral que leve em consideração a nova ocupação espacial. A verticalização e a distribuição habitacional nas cidades devem ser pontos-chave para a elaboração das atividades pastorais. Na cidade, o objeto de comunicação mais visível é a linguagem da publicidade e da propaganda. É preciso gerar no outro uma necessidade de adquirir bens, serviços, objetos e pessoas. A linguagem do mercado trabalha criando um valor, uma necessidade, um “fetiche” em torno de um determinado produto. O paradigma de nossa época é o Mercado. Para atendê-lo bem, é preciso despertar nas pessoas a necessidade de consumo. Consume-se para ter prazer, poder e reconhecimento social. Tudo isso tendo como “pano de fundo” a felicidade.

Além do lugar oficialmente reconhecido, existe o lugar do poder paralelo, em que determinado território tem por mandatário um componente que exerce uma liderança de modo clandestino ou não oficial. Atualmente, por exemplo, as milícias nos bairros exercem um poder paralelo, oferecendo proteção que deveria ser dada pelo Estado. A cidade é o lugar de uma trama de interesses, é o espaço das disputas. No fundo, é uma disputa por poder, em que quem manda na cidade é o dinheiro. A cidade é um paradoxo, um complexo de vida e morte, uma simbiose de valores e contra valores, virtudes e vícios. Ela é o espaço das contradições que invadem nossas famílias, escolas e igrejas. A cidade é uma totalidade feita de coisas, pessoas, objetos e relações, formas, ações, num movimento desigual e combinado, numa dinâmica de cooperação e conflito. É o espaço dos fixos e dos fluxos, dos monumentos e símbolos da história.

Nesse sentido, a Igreja como presença na cidade precisa repensar seu comparecimento no mundo urbano. O tempo do homem urbano é o tempo das possibilidades de cada um. Há uma mudança radical entre o tempo rural, presente na instituição eclesial e o tempo urbano. O tempo da Modernidade é marcado pelo quanto posso ganhar. “*Time is Money*”. É preciso repensar o tempo de nossas igrejas, do funcionamento das secretarias e de abertura das nossas igrejas. Ou seja, precisamos pensar uma pastoral urbana que responda à realidade das pessoas hoje. Muitas pessoas não têm tempo para se adequar ao “tempo de relógio” oferecido pela Igreja, por exemplo: alguns adultos buscam os sacramentos que são oferecidos apenas num determinado horário. É preciso repensar os sacramentos e como eles são oferecidos e como eles atendem às buscas das pessoas com a escassez de tempo. Não se pode mais pensar o tempo do relógio, mas o tempo global ou virtual. Tudo se pode em qualquer tempo.

<sup>9</sup> ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. 7º Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas. p.18.



Sobre o espaço, a Igreja ainda se subdivide num sistema rural de paróquia, mas sabemos que hoje as pessoas moram em tal região, mas professam a fé numa outra e pode acontecer de se trabalhar em outra. Há um rompimento do espaço, o que acontece também via internet, na televisão ou no rádio. Nesse sentido, também devemos repensar nossa atividade pastoral ainda ligada ao espaço rural. Faz-se necessário repensar o espaço paroquial (dimensão rural), para um espaço que responda aos anseios da modernidade (dimensão moderna). Pensar a cidade como espaço em que a identidade se dilui, torna-se líquida e fluida. Há uma dissolução da identidade dos grupos familiares, religiosos promovida pelos grandes centros, onde se estruturam novos grupos de trabalho, de religião, de estudos e etc.

É preciso pensar, também hoje, em nossa atuação como Igreja, numa pastoral de conjunto, de uma pastoral de interdependência. E isso é fundamental para o bom andamento da presença da Igreja como rosto de Jesus presente no nosso meio. Existe um crescente pensamento das pastorais estarem interligadas como se fosse uma rede, pensando numa interligação e interdependência.

Nossa Igreja ainda parece voltada a si mesma. Nossa realidade urbana entra em choque com uma mentalidade e uma estrutura ainda rurais. O apego ao devocional e o excesso de eventos sufocam, em muitos casos, a prática da vida eclesial. Essa configuração nos aponta para a necessidade de uma formação mais consistente e continuada, capaz de amadurecer a fé, propiciar um encontro pessoal com Jesus Cristo e integrar a proposta do Evangelho às diversas dimensões da vida humana: pessoa, comunidade e sociedade. Entretanto, o mundo cada vez mais competitivo nas relações de trabalho e estudo tem impedido a participação frequente de muitos de nossos agentes nas atividades propostas.<sup>10</sup>

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil falam da Igreja ser fiel a Jesus Cristo, missionário do Pai, acolhendo a voz do Espírito e reafirmando a importância de conhecer a realidade para se traçar metas para a ação evangelizadora. Diretrizes são rumos: indicam caminhos, princípios norteadores e urgências irrenunciáveis. As Igrejas locais aterrissam as DGAE, através de planos de pastoral, que compreendem: estudo e iluminação da realidade à luz da fé, objetivos, critérios de ação e metas específicas, para concretizar o projetado no próprio contexto. Na Igreja local, precisa-se de planos de pastoral: paróquias, comunidades, organismos, movimentos leigos, institutos de vida consagrada, etc. A unidade na ação, em âmbito nacional, se dá em torno ao *Objetivo Geral* e às *Urgências na Evangelização*.

A Igreja no Brasil clama pela superação de uma fé restrita a práticas religiosas fragmentadas, feita de adesões parciais e participação ocasional. As DGAE podem ajudar a superar o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas, na verdade, a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez.

Em meio à agitação cotidiana, notadamente nas grandes cidades, nas quais o tempo se tornou uma questão crucial, a Leitura Orante permite ao discípulo missionário estabelecer uma relação com a Palavra de Deus a qualquer momento e em qualquer lugar.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. 7º Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas. p.18.

<sup>11</sup> CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015, cit., doc. 94, n.52



Os novos tempos apresentam avanços em muitos níveis, especialmente na tecnologia, setor de destaque em nossa região metropolitana. Entretanto, a exclusão persiste. Em nossas cidades, os condomínios de luxo convivem lado a lado com bolsões de pobreza, revelando um cenário de extrema desigualdade social e grande concentração de renda. Nas regiões mais carentes, fica clara a falta de políticas públicas que atendam às demandas básicas de educação, saúde, moradia, trabalho, acesso à cultura e ao lazer. Essa sociedade tão desigual traz consequências nada agradáveis: violência dentro e fora de casa, insegurança, drogas, alcoolismo, falta de oportunidades de trabalho, famílias desunidas, juventude sem perspectivas e refém da cultura de morte que se propaga pela mídia. As desigualdades estão evidentes. Muitos de nós estão paralisados diante das iniciativas de mobilização e participação política e social que se fazem presentes, ainda que em menor escala.<sup>12</sup>

## 2. JULGAR

Após fazermos uma panorâmica da cidade no item VER, a proposta agora é de olharmos a cidade pela óptica das Sagradas Escrituras e nos Documentos da Igreja; trazermos a fala de Jesus Cristo sobre a cidade, bem como, alguns teólogos e pensadores sobre a temática desenvolvida.

### 2.1 CIDADE PELA ÓPTICA DAS SAGRADAS ESCRITURAS

As cidades estão sempre presentes nas Sagradas Escrituras. Uma das passagens bíblicas que mais representam essa presença é o mandato de missão de Jonas para a cidade de Nínive. Jonas é rebelde a sua missão, junto aos ninivitas. Jonas quer, na verdade, fugir da presença do Senhor. Todos os profetas (Elias, Jeremias, Isaías) dizem assim: “*Estou na presença do Senhor, “Eu sirvo na presença do Senhor”*”. Jonas acha que os pagãos deveriam ser castigados por Deus. A metáfora utilizada pelos autores sagrados é emblemática, pois faz uma crítica à teologia tradicional de Israel, que não vê com misericórdia aqueles que são diferentes de si. Jonas personifica essa ideia teológica. Ele é chamado por Deus: *Jonas levantou-se para fugir para Târsis* (conf.: Jn 1, 3). O curioso é que Jonas levanta, mas para fugir. Ele desce de Jerusalém a Jope, desce de Jope ao porto, desce ao navio, desce ao porão do navio, no porão do navio tem um sono profundo (em hebraico “profundo” é do mesmo verbo descer), depois na barriga do grande peixe desce até o fundo do mar. (conf.: Jn1, 3-2, 2.) Ou seja, Jonas vai descendo, descendo, descendo... tudo isso para ir para longe da face do Senhor.

Com a volta do exílio na Babilônia, cresce entre o povo de Israel uma mentalidade nacionalista, uma mentalidade de raça pura, de serem os melhores que os povos pagãos; também cresce uma mentalidade da manutenção de uma raça e religião puras. Isso pode muito bem ser transmitido às realidades metropolitanas contemporâneas, afinal é notório o quanto se tem crescido a ideia de intolerância e de não aceitação pelo plural e diversificado. A cada dia se percebe um reforço de um padrão *standard* proposto pelos grandes centros. Muito embora sejam esses os locais de maior diversidade cultural, ficando extremamente difícil impor às pessoas uma “camisa de força” comportamental.

<sup>12</sup> ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. 7º Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas. p.18.





Jonas fica desgosto com a atitude de Yahweh diante da conversão de Nínive, sabe que Ele não age como queria seu coração: *eu sabia que tu és um Deus de piedade e de ternura, lento para a ira, e rico em amor e que se arrepende do mal* (conf.: Jn 4, 2b). O texto de Jonas é um tanto quanto provocador da teologia da retribuição, uma das marcas do pós-exílio, pois quem não pertencesse a nosso grupo não teria a salvação. Cresce, dessa forma, o sentimento de xenofobia, o que quer dizer, horror ao que é estrangeiro, a quem não é do nosso grupo, horror a quem não é da mesma raça (antigamente, para o judeu, raça e religião estão misturadas). Deus não deveria se preocupar com esse tipo de gente e se Deus se preocupar é só para mandar um raio e matar. Era essa a mentalidade mais comum no pós-exílio.

## 2.2 JESUS E A CIDADE

O ponto mais alto de comunicação do Pai com a humanidade foi a Encarnação de seu Filho, Jesus. O corpo dá dimensão de contato, de reflexo daquilo que ele quer dizer no tempo. O Verbo assume os códigos da carne, das cidades de seu tempo, da sua gente, e isso é o que possibilita o contato com o outro, e conseqüentemente, uma comunicação com toda a sua gente. Assume a linguagem dos sentidos: ver, ouvir, tocar, gostar e cheirar. Ele se torna um mensageiro a partir da Encarnação. A Encarnação valoriza o corpo que é transparência e através do qual se estabelece um contato com o outro.

Nesse sentido, Jesus ama as cidades. Ama entrar em contato com as pessoas de seu tempo e de seu lugar. O Verbo se fez carne e habitou entre nós. (Jo 1, 14). Nas cidades nunca falta uma coisa: pessoas. Elas estão em todos os lugares. O evangelho de Mateus registra: *“Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças”* (conf. Mt 9, 35.)

Jesus imergia e ressignificava a vida das pessoas nas cidades. Ele trouxe esperança ao desiludido, perdão ao culpado, inserção ao excluído, cura ao doente. Seu coração transbordava de amor pelas pessoas quebrantadas, machucadas e desgastadas que viviam nas cidades. Seu ministério nas cidades não era apenas para os que eram desfavorecidos economicamente. Era, também, para os abastados, mas espiritualmente pobres. Nicodemos é prova disso, líder religioso correto e respeitado (conf. Jo 3,1-21). Mateus, um coletor de impostos, astuto, respondeu ao Seu chamado (conf. Mt 9,9). Jesus passava pelas cidades de seu tempo e atraía as pessoas a si. O jovem, o idoso, ricos e pobres, cultos e ignorantes, religiosos e céticos, homem e mulher, judeus e gentios eram atraídos a Ele.

Um detalhe sobressai no Evangelho de Lucas quando diz: *“Quando se aproximou e viu a cidade, Jesus chorou sobre ela”* (conf.: Lc 19, 41). Ou seja, há uma aproximação de Jesus para com a cidade, há uma “quebra de barreiras”, das distâncias. A pessoa só chora por alguém quando acontece uma aproximação. Nunca há sentimentos se não houver proximidade. Nosso coração nunca vai ser envolvido de amor por alguém, mesmo que seja uma cidade, se não houver empatia.

No Evangelho de Mateus, capítulo 23, 37-39, Jesus se dirige a Jerusalém, mas quem faz a cidade ser o que ela é são as pessoas do lugar. Nesse sentido, o discurso é direcionado aos escribas e fariseus, sentados na cadeira de Moisés (conf.: Mt23, 2): *“Jerusalém, Jerusalém,*



*que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintainhos debaixo das suas asas, e não o quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará abandonada, pois eu vos digo: não me vereis, desde agora, até o dia em que direis: Bendito aquele que vem em nome do Senhor!”<sup>13</sup>*

Existem muitas outras passagens referentes à cidade, feitas por Jesus, de modo mais subliminar, mas opto por valorizar a que foi desenvolvida neste artigo.

## 2.3 COMBLIN E A CIDADE

Um dos maiores teólogos pastoralistas do Brasil foi o Pe. Joseph Comblin<sup>14</sup>, que pensou como poucos uma pastoral que desse respostas aos desafios exigidos por nosso tempo. Ele defendia a ideia de que a melhor forma de a Igreja atuar no meio urbano seria a formação de pequenos núcleos cristãos que respondessem satisfatoriamente à contemporaneidade:

“Não podemos esperar que todos os batizados cheguem ao desenvolvimento pessoal de uma vida realmente cristã. A história parece ensinar que, com respeito a isso, 20% dos batizados é uma proporção historicamente possível. Para alcançar essa meta, seria necessário que a Igreja dedicasse muito mais tempo, pessoal e recursos à vivência espiritual, à formação da fé em comunidade. Se a comunidade pequena é o centro da vida cristã e o apoio da fé, devemos concluir daí que o lugar principal da celebração da eucaristia é a comunidade de fé, o grupo pequeno em que se alimentam os cristãos para viver a sua fé. Não basta a liturgia da palavra — o que seria uma interpretação protestante extremista da comunidade cristã.”<sup>15</sup>

Segundo Pe. Comblin, há na cidade uma aspiração à liberdade das dependências do mundo rural, da pobreza cultural da sociedade tradicional do campo. Na cidade estão também os pobres, os rejeitados, os marginalizados. Ali Jesus espera os seus discípulos. Na liberdade oferecida pela cidade é que Jesus espera nossa decisão de ir ao seu encontro, presente no meu próximo. Nos primeiros tempos, quantos se tornaram cristãos porque se emanciparam da sua família, que fazia oposição, das autoridades sociais e políticas, que os condenavam e da “voz” dos costumes e das tradições, que consideravam o evangelho de Jesus Cristo como perigosa novidade!<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Um canto de lamentação aflito e dolente sobre a cidade santa. A cólera ardente mudou-se em pranto desolado, em um grito de amor traído. Jerusalém manchou-se com o sangue dos profetas, mas, sobretudo, recusou a ação de Jesus que muitas vezes tentou reunir os habitantes sob a proteção do Messias. O seu destino encontra-se assim assinalado: Deus a destruirá. Ela sai definitivamente da história da salvação. Mas virá o dia em que Cristo aparecerá glorioso como Filho do homem. Então se repetirá o canto do seu ingresso messiânico em Jerusalém (Mt 21, 9). O reconhecimento negado obstinadamente a Jesus de Nazaré não faltará no fim, diante de sua aparição fulgurante como juiz último. Mais que uma futura conversão dos judeus, antevê-se a vinda final do filho do homem vencedor de toda resistência e instaurador do Reino de Deus. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*. Loyola, São Paulo, 1990, p. 346.

<sup>14</sup> Nascido em Bruxelas, na Bélgica, em 1923, foi ordenado sacerdote em 1947. Era doutor em Teologia pela Universidade Católica de Louvain. Faleceu no dia 27 de março de 2011, no Recanto da Transfiguração, em Simões Filho, próximo a Salvador, para onde foi em tratamento de saúde, quando sofreu um ataque cardíaco. Foi sepultado no Santuário de Santa Fé do Padre Ibiapina,<sup>[7]</sup> em Guarabira, estado da Paraíba.

<sup>15</sup> COMBLIN, Joseph. *Despertar da Igreja Católica para a cidade*. In: *Vida Pastoral*, São Paulo, Mai-Jun 2002, Paulus, São Paulo. p.10-17.

<sup>16</sup> COMBLIN, Joseph. *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996. p.16.



## 2.4 Cidade nos Documentos da Igreja

Acima de tudo, a atitude Pastoral da Igreja não pode responder de modo tradicional ao tecido urbano de hoje. Não pode simplesmente repetir os esquemas pastorais tradicionais, marcados ainda pela experiência pastoral num mundo rural, que quase já não se verifica hoje. Atento a esse desafio, o documento de Santo Domingo recomenda uma “pastoral urbana inculturada”, Para isso “a Igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano”<sup>17</sup>.

O Documento de Puebla já nos dava mostras da necessidade de se tomar consciência do ponto de partida da ação pastoral, ou seja, o destinatário da própria ação salvífica de Deus nas situações históricas concretas:

“A Igreja tem conquistado paulatinamente a consciência de que a evangelização é sua missão fundamental e de que não é possível o seu cumprimento sem que se faça o esforço permanente para reconhecer a realidade e adaptar a mensagem cristã ao homem de hoje, dinâmica, atraente e convincentemente”.<sup>18</sup>

O Episcopado Latino-Americano reunido em 2007, em Aparecida, também deu importantes contribuições para uma Pastoral urbana mais inserida no mundo moderno, nunca se fechando num intimismo ou ostracismo, mas indo ao encontro dos problemas que ainda marcam nossa realidade latino-americana.

A missão leva ao “coração do mundo”, pois “não é fuga ao intimismo ou ao individualismo religioso, tampouco da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo e, muito menos, uma fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual”.<sup>19</sup> Daí a tarefa prioritária de contribuir “com a dignificação de todos os seres humanos, juntamente com as demais pessoas e instituições que trabalham pela mesma causa. Necessidades urgentes nos levam a colaborar com outros organismos ou instituições, para organizar estruturas mais justas no âmbito nacional e internacional”.<sup>20</sup>

Um dos mais magistrais documentos da Igreja produzidos a partir do Concílio Vaticano II que fala da necessidade de se ter uma Pastoral voltada para se ter uma Igreja, Luz dos povos e esperança da nova evangelização, é a *Lumen Gentium*. Lá se diz:

“A Igreja, o povo de Deus, instaurando este reino não subtrai nada ao bem temporal de cada povo, antes, pelo contrário fomenta e assume as possibilidades, os recursos e o estilo de vida dos povos, naquilo que têm de bom, e, ao assumi-los, purifica-os, consolida-os e eleva-os.”<sup>21</sup>

E não poderia faltar a mais emblemática Constituição do Vaticano II sobre a Igreja em diálogo no mundo contemporâneo. A Constituição *Gaudium et Spes* possibilita uma compreensão qualitativa da missão da Igreja, que deve estar a serviço não só de seus membros, mas de todos os seres humanos, independentemente de raça, de religião, de regime político.

<sup>17</sup> DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO. Nova Cultura, 252-262.

<sup>18</sup> DOCUMENTO DE PUEBLA. N° 85.

<sup>19</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA, N° 148.

<sup>20</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA n° 384.

<sup>21</sup> DOCUMENTO LUMEN GENTIUM n° 13.



“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.”<sup>22</sup>

Ou seja, a Igreja se mostra preocupada em voltar-se aos homens de nosso tempo e acolhê-los em sua especificidade e não apenas àqueles que fazem parte de seu redil. Pois é perceptível por toda família humana que apesar das muitas descobertas e avanços provocados pelas novas tecnologias, ainda se depara com angústia sobre as questões relativas a essas mesmas descobertas e avanços e como bem exercer sua vocação e missão em nossa contemporaneidade.

### 3. Agir

#### 3.1 Evangelização na realidade de Campinas

Os novos tempos apresentam avanços em muitos níveis, especialmente na tecnologia, setor de destaque em nossa região metropolitana. Entretanto, a exclusão persiste. Em nossas cidades, os condomínios de luxo convivem lado a lado com bolsões de pobreza, revelando um cenário de extrema desigualdade social e grande concentração de renda. Nas regiões mais carentes, fica clara a falta de políticas públicas que atendam às demandas básicas de educação, saúde, moradia, trabalho, acesso à cultura e ao lazer. Essa sociedade tão desigual traz consequências nada agradáveis: violência dentro e fora de casa, insegurança, drogas, alcoolismo, falta de oportunidades de trabalho, famílias desunidas, juventude sem perspectivas e refém da cultura de morte que se propaga pela mídia. As desigualdades estão evidentes. Muitos de nós estamos paralisados diante das iniciativas de mobilização e participação política e social que se fazem presentes, ainda que em menor escala.

Dentro de casa, os tempos da chamada “pós-modernidade” trazem uma realidade incômoda e desafiadora: nossas famílias não se encontram mais; em casa, cada um trabalha e estuda em um horário diferente; na prática, são vários mundos que, por coincidência, habitam a mesma morada; o computador e a TV superam a relação entre as pessoas que dividem o mesmo teto. O resultado: falta de diálogo e a chamada desagregação familiar.

A configuração da família também mudou. Hoje, a realidade dos casais em segunda união e as casas que se organizam sem a figura do pai ou da mãe são cada vez mais frequentes. Nesse cenário tão plural, as novas manifestações nos campos da cultura e da religiosidade vão ganhando espaço. Temos várias expressões culturais e espirituais dentro da mesma casa e, muitas vezes, dentro da mesma pessoa.

Na comunidade esse cenário coloca em xeque valores fundamentais da nossa vivência: acolhimento, participação, diálogo, integração, unidade. Temos visto muitas comunidades fragmentadas, fechadas a novas experiências e a novas pessoas. As posturas autoritárias têm-

<sup>22</sup> DOCUMENTO GAUDIUM ET SPES n° 1.



se manifestado tanto entre o clero quanto entre o laicato. A falta de planejamento e de avaliação das atividades são desafios fortes que precisamos superar. Isolamento e improvisação atrapalham a articulação e a união dos nossos esforços.<sup>23</sup>

Nosso universo virtual e altamente dinâmico nos deixa com a sensação de que o que vivemos não está refletido no que celebramos. O espanto diante da mudança de época que vivemos tem motivado um movimento de retorno a uma tradição que busca mais a individualização da fé do que a vivência de uma espiritualidade de comunhão e participação. Precisamos dar mais atenção à dimensão ministerial, à consciência missionária, ao diálogo com outras igrejas e expressões religiosas e ao desejo de se fazer próximo do outro.

Nossa Igreja ainda parece voltada para si mesma. Nossa realidade urbana entra em choque com uma mentalidade e uma estrutura ainda rurais. O apego ao devocional e o excesso de eventos sufocam, em muitos casos, a prática da vida eclesial. Essa configuração nos aponta para a necessidade de uma formação mais consistente e continuada, capaz de amadurecer a fé, propiciar um encontro pessoal com Jesus Cristo e integrar a proposta do Evangelho às diversas dimensões da vida humana: pessoa, comunidade e sociedade. Entretanto, o mundo cada vez mais competitivo nas relações de trabalho e estudo tem impedido a participação frequente de muitos de nossos agentes nas atividades propostas.

### **3.2 7º Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas**

Acolhida, Renovação e Serviço são as três grandes linhas de atuação de nosso novo Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas, o 7º PPO. São os três grandes alicerces para continuarmos, no diálogo de testemunho com a cidade, a ser Igreja de Jesus. Igreja que se renova na história para manter-se fiel ao seu fundador.

Desde seu início, um dos marcos referenciais da Igreja foi o Serviço, de modo todo especial, com os que mais necessitavam. Isso deu corpo e alavancou o crescimento da Igreja, que logo ouvia o chamado de seu Mestre para que se tornasse missionária. Como no passado, também hoje o que mais atrai as pessoas, especialmente os jovens, não são os grandes discursos ou as inflamadas preleções, mas o testemunho feito dia a dia no Serviço. O testemunho arrasta; as palavras, por vezes, podem ser apenas o sopro da voz.

Sem deixar de lado o passado, que a todos serve como alicerce, precisamos agora continuar a ser presença acolhedora no coração da cidade, com todos os desafios inerentes a esta missão, tendo sempre como referencial a pessoa de Jesus de Nazaré, que não se fechou numa vivência intimista, tendo seus olhos voltados apenas ao Pai celeste, mas fez de sua vida uma intensa acolhida dos homens e mulheres de seu tempo, uma intensa relação com os irmãos.

Para continuarmos esse testemunho, faz-se necessário renovar nossas mentalidades. Nossa participação não pode se restringir às celebrações, mas precisa ser testemunho cristão na sociedade. Nessa perspectiva, renovar passa a ter um sentido de preservação. É necessário renovar para nos mantermos fiéis às nossas raízes cristãs, fiéis a Jesus Cristo. É preciso uma resposta cristã aos desafios que a contemporaneidade nos coloca à frente, de modo particular a violência, o aquecimento global, as questões relativas à família (que está diante de nossos

<sup>23</sup> 7º PLANO DE PASTORAL ORGÂNICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS, p. 18.



olhos, mas que muitas vezes fingimos que não vemos), a educação (que não faz parte da agenda estratégica dos governos) e os excluídos.

### 3.3 PROPOSTAS PASTORAIS PARA A ARQUIDIOCESE – ACOLHER, RENOVAR E SERVIR

Como propostas de uma renovada ação pastoral que responda aos novos desafios que a realidade nos coloca, foi assumido como propostas no 7º Plano de Pastoral Orgânica: um reforço da religiosidade popular, a vivência do testemunho batismal, a organização das comunidades em grupos de vivência e de Leitura Orante da Bíblia, a experiência profética das Comunidades Eclesiais de Base e das Novas Comunidades e o entusiasmo que os Movimentos Eclesiais nos provocam para um novo ardor missionário para cumprirmos o mandato de anunciar o Reino de Jesus Cristo.<sup>24</sup>

Acolher, renovar e servir são os três eixos assumidos pela nossa Igreja de Campinas para o 7º Plano de Pastoral Orgânica e articulam-se entre si. Não estão separados como se cada um alimentasse um setor da vida eclesial. Eles se interligam, abastecendo uns aos outros como uma tríplice força vital de toda a Igreja. É nesse espírito que, em Assembleia, foram firmados o compromisso de viver, organizar e fazer acontecer esses três eixos em todos os níveis, articulando a ação evangelizadora da Igreja Arquidiocesana de Campinas.

Ouvindo o clamor de Aparecida, “necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo” (Dap 548). Essa convocação nos chama a atenção para mudarmos a concepção de acolhimento. Nossa busca deve ser por uma Igreja acolhedora, em todos os âmbitos - e não somente com a implantação de uma pastoral da acolhida. Acolher é uma atitude que abre as portas para as desafiadoras realidades que nos cercam, e nos impele a abraçar a todos - os que estão integrados à vida da Igreja e os afastados do seio da comunidade. Essa atitude deve permear toda a ação pastoral.

O Sínodo sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, realizado em outubro de 2008, nos ensina que a prioridade da Igreja é nutrir-se da Palavra de Deus. Ela está em primeiro lugar e, por ela, se torna eficaz a evangelização. Na mensagem final dos Padres Sinodais são apresentadas quatro imagens que nos orientam na relação com a palavra de Deus: a voz da Palavra é a revelação, o rosto da Palavra é Jesus Cristo, a casa da Palavra é a Igreja e o caminho da Palavra é a missão.

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Desse modo, seguindo o mandato evangélico-missionário: *ide por toda a Terra e fazei todos os povos discípulos meus* (cf. 28,16-20) reafirmamos o compromisso de sairmos de nós mesmos e das estruturas antigas que nos deixam estagnados diante dos “sinais dos tempos” que nos interpelam a cada dia. É necessário renovar todas as estruturas eclesiais em vista do discipulado e da missionariedade. Nenhum segmento deve se isentar de entrar decididamente, com todas suas forças, nos

<sup>24</sup> 7º PLANO DE PASTORAL ORGÂNICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS, p. 19.



processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé.

O Documento de Aparecida trata a paróquia como um espaço importante da comunhão eclesial, mas reconhece que há “estruturas ultrapassadas, que não favorecem a transmissão da fé e devem ser abandonadas, em vista da renovação missionária” (Dap 365). Como forma de renovação da paróquia, o referido documento sugere alguns passos interessantes, como a “setorização das paróquias em unidades menores, com equipes de animação, comunidades de famílias” e leigos preparados para atender à necessidade de evangelização e servir àqueles que vivem situações aflitivas, onde quer que estejam. A paróquia descentraliza-se, tornando-se uma rede de comunidades.<sup>25</sup>

Ainda neste eixo de articulação pastoral da Igreja que se renova são propostas ações práticas na tentativa de facilitar o processo de renovação e conversão das estruturas: 1. Igreja como rede de comunidades, 2. Igreja toda ministerial, 3. Igreja de comunhão e partilha, 4. Formação e espiritualidade de discípulos-missionários, 5. Evangelização pela comunicação, 6. Metodologia de planejamento participativo e cultura de avaliação dos processos.

“Milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto de Deus e desafiam os cristãos a um compromisso ainda mais efetivo em prol da vida. Nos pobres e excluídos, a dignidade humana está profanada. É a consciência dessa realidade que tem feito da opção pelos pobres um dos traços marcantes da fisionomia da Igreja no continente latino-americano e caribenho. A opção pelos pobres está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza. Por isso, somos incessantemente chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos convoca a servi-lo neles”.<sup>26</sup>

A Igreja de Campinas de longa data tem se destacado pela firmeza e zelo com que abraçou a causa evangélica da opção preferencial pelos pobres, em seus planos de pastoral. Nesse sentido, as propostas de trabalho do 7º Plano de Pastoral Orgânica no eixo do Serviço dá como sugestões de trabalho: 1. Opção preferencial pelos pobres, 2. Rede de solidariedade, 3. Reforço da Pastoral da Saúde, 4. Pastoral da Educação: presença profética da Igreja, 5. Pastoral Carcerária: presença de Jesus Libertador, 6. Consciência Ecológica: sinal de amor pela Criação.

### 3.4 PROPOSTAS ESPECÍFICAS DENTRO DO EIXO SERVIÇO SOLIDÁRIO<sup>27</sup>

Objetivos específicos:

- a) Reafirmar a opção evangélica e preferencial pelos pobres como compromisso de toda a Arquidiocese. Os pastores e as lideranças sejam os primeiros a dar esse exemplo;
- b) Valorizar uma pastoral social que seja organizada, descentralizada e que favoreça um ambiente no qual todos vivam a opção pelos pobres e sofredores.

<sup>25</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA nº 372.

<sup>26</sup> Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, nº 176.

<sup>27</sup> 7º PLANO DE PASTORAL ORGÂNICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS, p. 35.



- c) Organizar e articular, nos espaços de formação e no trabalho pastoral, as ações que já são realizadas nas várias frentes da Ação Social na Arquidiocese;
- d) Firmar parcerias com a sociedade civil que viabilizem atendimento às situações de exclusão;
- e) Valorizar os espaços físicos que estão subutilizados (salas, salões de comunidades, centros comunitários) para a promoção de iniciativas de inserção social;
- f) Assegurar a inclusão de pessoas com deficiência e necessidades especiais na comunidade eclesial; apoiar iniciativas de inclusão na sociedade.
- g) Valorizar o trabalho da Pastoral da Saúde e capacitar novos agentes, especialmente no ambiente hospitalar;
- h) Reestruturar e dinamizar as capelanias dos hospitais;
- i) Manter um diálogo harmonioso com as equipes de administração nos hospitais;
- j) Articular um trabalho com outras denominações religiosas que prestam serviço pastoral nos hospitais.
- k) Articular uma Rede de Educadores;
- l) Assegurar a presença cristã nas escolas públicas e privadas;
- m) Fortalecer o diálogo com as escolas e universidades católicas presentes na Arquidiocese;
- n) Incentivar o trabalho conjunto e de colaboração com a PUC Campinas.
- o) Dar consistência estrutural à Pastoral Carcerária, garantindo os recursos necessários para a realização desse trabalho;
- p) Elaborar um projeto que contemple os encarcerados, suas famílias e funcionários dos presídios;
- q) Formar novos agentes de pastoral carcerária, motivando pessoas que se disponham a esse serviço;
- r) Fortalecer a ação junto aos presídios, articulando o credenciamento dos presbíteros, diáconos e agentes, para garantir o acesso;
- s) Organizar momentos de celebração no ambiente prisional.
- t) Educar para a preservação da ecologia;
- u) Promover ações articuladas para evitar a destruição da natureza, tanto no meio urbano, quanto no rural;
- v) Articular iniciativas para uso solidário, consciente e contra a privatização da água, patrimônio da humanidade.





## 4. CONCLUSÃO

Portanto, para uma efetiva e afetiva ação pastoral na realidade urbana de nosso tempo, fiéis a Jesus Cristo, precisamos levar em conta a realidade que nos cerca. Com todos os seus desafios, contradições, belezas e estranhezas que a compõem.

O importante é que a “comunidade cristã” nunca está pronta e acabada. Ela é um projeto que cada geração deve trabalhar na fidelidade ao Evangelho e ao Espírito, no espaço humano de cada Igreja particular, cada paróquia, cada comunidade, por menor que seja.

Não nos deixemos desanimar pelas estruturas estagnadas que hoje nos cercam, mas busquemos a força necessária para sermos uma Igreja criativa, que se Renova constantemente. Nessa perspectiva, renovar passa a ter um sentido de preservação. É necessário renovar para nos mantermos fiéis às nossas raízes cristãs, fiéis a Jesus Cristo. Só assim daremos uma resposta satisfatória aos desafios que se colocam diante de nós, de modo particular: intolerância, ódio, insensibilidade para com os pobres, aumento do número de refugiados em nosso meio, altas taxas de desemprego, justiça seletiva, corrupção.

É preciso uma resposta cristã aos desafios que a contemporaneidade nos coloca à frente, de modo particular a violência, o aquecimento global, a crise das instituições, de modo particular as questões relativas à família (que está diante de nossos olhos, mas que muitas vezes fingimos que não vemos), a educação (que não faz parte da agenda estratégica dos governos) e os excluídos.

Bem por isso, acolhida, renovação e serviço são as três grandes linhas de atuação de nosso 7º Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas. São estes três alicerces que nos ajudarão no diálogo e testemunho na cidade, a ser Igreja de Jesus. Igreja que se renova na história para manter-se fiel ao seu fundador. Que a nossa fé em Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado nos encaminhe para a realização da Igreja que Acolhe, com autêntico testemunho de comunhão e de Serviço Solidário, para que todos tenham vida e a tenham em abundância.

## BIBLIOGRAFIA

ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS, 7º Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas.

BLANK, Christiane E. *Construir o matrimônio na pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a vivência matrimonial*. São Paulo: Paulus, 2006.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*: Coleção Bíblica Loyola. São Paulo: Loyola, 1990.

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CASTILLO, José M. *A Ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

CELAM. Conselho Episcopal Latino-Americano. *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 13 ed., 2004.

\_\_\_\_\_. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 7ª. ed., 2008.

\_\_\_\_\_. *Documento de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1983.

\_\_\_\_\_. *Documento de Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 1992.



- CODINA, Victor., “*Não extingais o Espírito*” (1Ts 5,19): iniciação à Pneumatologia. São Paulo, Paulinas, 2010.
- CNBB. Comissão para o Laicato. Separata, Contribuição do Seminário dos Leigos e Leigas para a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, Aparecida, 2007.
- \_\_\_\_\_. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. São Paulo, Paulinas.
- COMBLIN, Joseph. “Despertar da Igreja Católica para a cidade”. In: *Vida Pastoral*, São Paulo, Mai-Jun 2002, Paulus, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. 2. ed. São Paulo, Paulus, 1996.
- Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo, Paulinas, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Constituição dogmática Lumen Gentium*. São Paulo, Paulinas, 2004.
- DEMÉTRIO, Valentini. *Revisitar o Concílio Vaticano II*. São Paulo, Paulinas, 2011.
- GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes. *Questões atuais de teologia*. São Paulo, Paulus, 2010.
- \_\_\_\_\_; BOMBONATO, Vera Ivanise. *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004.
- LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja*. São Paulo, Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo, Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. São Paulo, Paulinas, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Igreja contemporânea encontro com a modernidade*. São Paulo, Loyola, 2000.
- TOMITA, Luiza Etsuko; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (org.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2006.
- MIRANDA, Mario de França. *Igreja e sociedade*. São Paulo, Paulinas, 2009.
- SANTOS, Jésus Benedito dos. *Novo presbítero católico sob a mística do cuidado*. Aparecida: Santuário, 2012.
- SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas megacidades: um desafio para a Igreja da América Latina*. São Paulo, Loyola, 2008.
- SOUZA, Ney de; GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes. *Catolicismo e sociedade contemporânea: do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013.
- TRASFERETTI, José Antonio; GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes. (org.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.

## Fontes eletrônicas

<http://www.campinas.sp.gov.br/conheca-campinas/campinas.php>

<http://www.campinas.sp.gov.br/.../censo-2010>

<http://www.cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php>

<http://www.unicamp.br/nepo>

<http://www.g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2014/06desemprego-em-campinas-aumenta-442-aponta-balanco-cagedmte.html>

Recebido em: 03/10/2016

Aprovado em: 21/10/2016